

Para os que vão além dos 50 anos de vida, Geraldo Vandré é lembrança viva, obrigatória. Suas músicas instigantes e sua presença intensa nos palcos brasileiros marcaram época e embalsamaram sonhos de liberdade de toda uma geração, que até em armas pegou na defesa de ideais socialistas.

Perseguido pela ditadura e descrente da democracia, que ajudou a reconquistar, Vandré nunca quis retornar à plenitude da vida artística, deixando que corresse soltos os mais diversos rumores sobre sua sanidade mental, posicionamento político, vida pessoal.

Nunca se importou com o que dele se falava. Com vida

reclusa e um turbilhão de incertezas sobre seus caminhos, mesmo sem o querer transformou-se em mito. Um mito apegado apenas às coisas comuns e uns poucos amigos, como o paraibano **Assis Ângelo**, a quem conhece há quatro décadas.

Nesta 2ª edição, **Jornalistas & Cia – Memória da Cultura Popular** traz, do baú do Instituto Memória Brasil, a entrevista de capa feita por Assis Ângelo com Geraldo Vandré para a edição de 17 de setembro de 1978 do Folhetim, antológico suplemento da Folha de S. Paulo, que foi descontinuado.

Prepare o seu coração!

Eduardo Ribeiro

Porta estandarte, a primeira vitória de Vandré (5/6/1966)

Por Assis Ângelo

A era dos festivais começou sob o signo da ditadura militar.

Muitos artistas foram perseguidos após o golpe desfechado pelos militares contra o governo legal do presidente João Goulart, ocorrido na madrugada de 1º de abril de 1964.

Um ano e uma semana depois, a extinta TV Excelsior apresentou o 1º Festival Nacional da MPB. A música classificada em 1º lugar foi *Arrastão*, de Edu Lobo e Vinicius de Moraes, defendida pela cantora gaúcha Elis Regina, que a partir daí começou a conquistar o público.

Vandré participou desse festival, que teria segunda edição no ano seguinte, defendendo na noite de 24 de março, em Guarujá (SP), *Sonho de um Carnaval*, de Chico Buarque, sem êxito, pois fora desclassificada pela banca de jurados.

A música vencedora do 2º Festival Nacional da MPB, anunciada, há quase exatos 46 anos, na noite de 5 de junho de 1966, foi *Porta estandarte*, do mesmo Vandré e Fernando Lona, defendida por Tuca, de

batismo Valenza Zagni da Silva, paulistana de formação musical erudita, e Airto Moreira, catarinense de Itaiópolis que formou com Theo de Barros (violão e contrabaixo), Heraldo do Monte (viola e guitarra) e Hermeto Pascoal (flauta) o lendário conjunto instrumental Quarteto Novo, criado pelo próprio Vandré em São Paulo no ano de 1966 para acompanhá-lo Brasil a fora. O grupo foi extinto em 1969 e como herança deixou o LP *Quarteto Novo*, gravado em 1967 com oito faixas, cinco das quais com a assinatura do autor de *Porta estandarte*.

Antes, houve tentativas de levar à prática concursos musicais.

A primeira delas, apoiada pelo jornalista Samuel Wainer, criador e editor do jornal Última Hora, foi do radialista e produtor musical Tito Fleury, em 1960. A vencedora desse embrião de festival, transmitido por rádio e não

tevé, foi *Canção do pescador*, de Newton Mendonça, defendida pelo carioca Roberto Amaral. Mendonça ficaria famoso por músicas compostas em parceria com Tom Jobim, como *Desafinado* e *Samba de uma nota só*.

Poucas pessoas lembram, mas Vandré iniciou a carreira navegando nas águas da bossa nova. O registro está no seu primeiro LP.

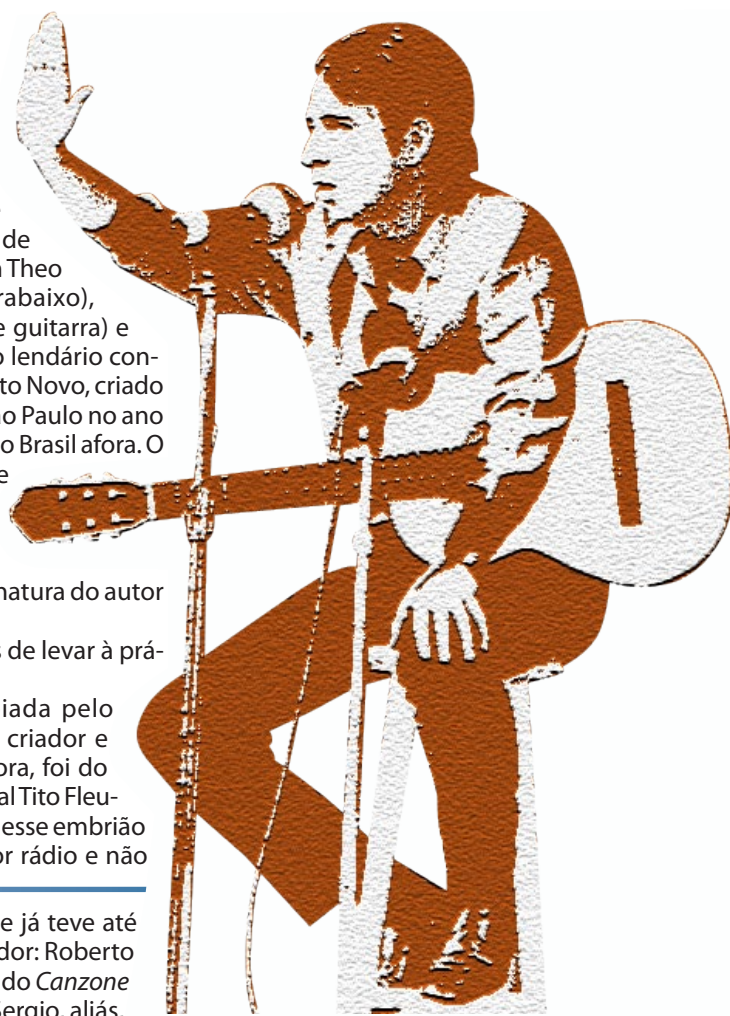
O modelo idealizado por Fleury era o do Festival de San Remo (*Festival della Canzone Italiana*), realizado ininterruptamente desde 1951 e que já teve até um brasileiro como vencedor: Roberto Carlos, em 1968, defendendo *Canzone per te*, de Sergio Endrigo. Sergio, aliás, seria o primeiro artista estrangeiro a gravar uma música de Vandré: *Pra não dizer que não falei de flores* (*Camminando e cantando*), com a orquestra de Giancarlo Chiaramello.

No mesmo ano da vitória de *Porta estandarte*, Vandré obteve o 2º lugar no 1º Festival Internacional da Canção com *O cavaleiro*, dele e Tuca, defendida por esta; e o polêmico empate no 2º Festival da MPB da Record entre sua moda de viola *Disparada*, com Theo, defendida por Jair Rodrigues

e Quarteto Novo, e a marchinha *A banda*, de Chico Buarque, defendida pelo próprio Chico e Nara Leão.

São Paulo parou para assistir a disputa de *Banda x Disparada*, na noite de 10 de outubro de 1966. Os autores acabaram por dividir o prêmio, de quase US\$ 20 mil.

Detalhe: Vandré foi o primeiro artista



Assis e parte do acervo do Instituto Memória Brasil



Darlan Ferreira e Geraldo Vandré



Vandré confere um disco dele que Assis comprou num sebo de Paris

a gravar uma música de Chico: *Sonho de um Carnaval*, em 1964, incluída no seu primeiro LP.

Disparada e Caminhando – ou *Pra não dizer que não falei de flores*, uma guarânia classificada em 2º lugar no *III Festival Internacional da Canção*, na noite de 14 de setembro de 1968, no ginásio do Maracanãzinho, RJ –, são os grandes sucessos de Geraldo Vandré, que na sua curta carreira



Assis com dois compactos de Vandré de seu acervo

artística gravou apenas cinco LPs: *Geraldo Vandré* (1964), *Hora de Lutar* (1965), *5 Anos de Canção* (1966), *Canto Geral* (1968) e *Das Terras de Benvirá* (1970).

Vandré parou de se apresentar em público no dia que foi decretado o AI-5: 13 de dezembro de 1968.

Na ocasião, ele estava em Anápolis (GO), preparando-se para subir ao palco. Num automóvel, cruzou São Paulo e alcançou o Rio de Janeiro, onde, mais precisamente num sítio da viúva do escritor Guimarães Rosa, dona Aracy, encontrou guarida.

Antes de exilar-se na Europa, passou por países do Cone Sul.

Conheceu no Chile o músico brasileiro Manduka, com quem compôs *Pátria amada, idolatrada, salve, salve*, canção defendida pela cantora espanhola radicada na Venezuela Soledad Bravo no *Festival de Aguadulce*, Lima, Peru, em 1972. Seu retorno ao Brasil se deu em 1973.

Desde que retornou, tem falado pouco à imprensa.-

A seu respeito, muitas inverdades são ditas e espalhadas como verdades pelos



Vandré, Zé Ramalho e Assis

diversos meios de comunicação. Mas ele não se considera injustiçado nem com isso nem com nada, embora se recuse a cantar publicamente enquanto, na sua visão, não houver no País a vigência plena do Estado de Direito.

É advogado, mas não exerce a profissão.

Ele escreveu e eu publiquei no extinto *Diário Popular*, de São Paulo, edição de 31 de janeiro de 1985, o seguinte:

“Nas culturas de massa, ou nos grandes mercados não é a qualidade nem a autenticidade, e, muitos menos, a originalidade que se coloca como padrão para produzir.

*Guardem desde agora o que eu posso dar
Preservem consigo o que eu vou levar
Este amor antigo que eu pude encontrar
Que vocês mantinham sem saber negar*

*E aos muitos amigos que aqui vão chegar
Procurando abrigo para continuar
Digam sem temores depois de ajudar
Que um pouco adiante, em qualquer lugar
Tem calor da gente e amor a esperar
Que eu levei bastante pra sempre plantar.*

Na noite de 20 de outubro de 1994, Vandré participou das comemorações à *Semana da Asa*, no Memorial da América Latina, na capital paulista. Na ocasião, foi apresentada por cadetes da Aeronáutica a canção *Fabiana*, de sua autoria. Antes de os cadetes interpretarem a canção, à capela, ele afirmou:

– Esse cantar é distinto de todos os cantares que já cantei.

Depois de 1968, a última vez que o artista subiu a um palco foi na noite de 7



Compacto de Sergio Endrigo, com a gravação na língua italiana de *Pra não dizer que não falei de flores*, nunca lançado no Brasil

Ao contrário, para os grandes mercados consumidores a produção deve ser plasmática e simplificada para acompanhamento do rodízio diário e simplificado das grandes folhas de pagamento. O rock no Rio de Janeiro. Dentro disso não há programa econômico destinado à produção sistemática de uma cultura musical. A boiada come o que tem no pasto”.

E ele próprio publicou num livro, *Cantos Intermediários de Benvirá*, jamais editado no Brasil:

*Vou-me embora agora
E se eu não voltar
Não deixem tristeza
Tomar meu lugar
Que o mundo afora
Sempre vou lembrar
Daqui desta hora
Sempre que eu cantar*

*E se os amigos que aqui vão ficar
Quiserem mesmo e de mim precisar*

de agosto de 1982, em Puerto Stroessner, Paraguai, para cantar durante hora e meia diante de uma plateia constituída por cerca de 200 pessoas, maioria de brasileiros.

De lá para cá, muitos amigos tentaram convencê-lo a voltar a cantar em público, entre eles o matogrossense Darlan Ferreira, produtor artístico, um de seus mais fiéis confidentes.

Em vão.

Em 2006, ajudei o cantor e compositor paraibano Zé Ramalho a produzir o CD duplo *Nação Nordestina*. O artista estava com dificuldade de conseguir liberação para incluir *Pra não dizer que não falei de flores*. Falei com o autor, que liberou. Depois o levei a assistir o show de lançamento do álbum. Ele gostou.

Os dois conversaram e não demorou saiu na imprensa a informação de que Zé Ramalho ia produzir um disco de Geraldo Vandré. Informação infundada.

Recentemente, na madrugada de 17 de maio, por volta das 2h30, Vandré me telefonou de Teresópolis (RJ), para dizer que está com a ideia de construir com verba procedente de direitos autorais da sua obra uma fundação em homenagem ao pai, José Vandregísilo; Fundação José Vandregísilo, no município paraibano de Guarabira, onde nasceu. Depois perguntou se eu não poderia ajudá-lo a produzir o espetáculo *Paixão segundo Cristino*, de sua autoria, já apresentado em São Paulo e Paris, nos fins dos anos de 1960.

Viva Geraldo Vandré!

Capa do LP com opereta de Vandré, lançado em 1984 pela Fundação Cultural de Curitiba



Prepare seu coração

(transcrição da entrevista de Geraldo Vandré a Assis Ângelo, publicada no Folhetim nº 87, da Folha de S.Paulo de 17/9/1978)

N. da R.: uma curiosidade, para a qual chamamos a atenção do leitor, é que graficamente a entrevista indica nas entradas das perguntas e respostas cinco diferentes personagens na conversa – Ângelo, Geraldo Vandré, Ele, Folhetim e Pedrosa.

Quem dera viver sem fracassos

São laços à espera da gente

Na esquina do lado

No ás do baralho

Na esquina do dado, no céu.

(**Geraldo Vandré**, Leonor, moreninha do cabelo curto, meu fracasso)

Setembro, 1978, noite de um dia qualquer. Tomo o elevador de um prédio na rua Martins Fontes, bairro da Consolação, Centro, São Paulo. Paro no 6º andar. Aperto a campainha do apt.º 61, uma, duas vezes. Silêncio. Chego a pensar que não há ninguém. Mas ouço, distante, uma máquina de escrever. Toco outra vez. Não demora muito e um homem de estatura média, cabelos em desalinho, bem barbeado e todo de preto surge à porta. Ele nada diz. Eu digo:

– Vandré, olá! Como vai?

Ele parece não dar muita importância ao cumprimento. Insisto:

– Não se recorda de mim? Nos vimos em João Pessoa, e há pouco tempo aqui em São Paulo (Silêncio. Ele esboça um sorriso). Posso entrar?

– Lógico – responde cordial. Acomode-se, a casa é sua.

O apartamento é pequeno, tem poucos móveis e é modesto. Há uma escrivaninha, sobre ela canetas, uma borracha em forma de lápis, alguns blocos de papéis. No meio disso tudo, distingue-se uma valise tipo 007, cor preta. Veem-se ainda duas máquinas de escrever, uma



Reprodução da capa e da entrevista do Folhetim

que “só escreve em chileno” e outra que “só escreve em brasileiro”. No chão, alguns jornais velhos, amontoados. Num canto de parede, dois quadros pintados em estilos diferentes: clássico e primitivo. Na estante embutida, alguns livros: Jurisprudência, Poesia e Teatro. Dois autores se sobressaem: Fernando Pessoa e Máximo Gorki.

As nossas primeiras palavras são banais, mas valem como início de conversa. Eu começo:

por Assis Ângelo

Geraldo Vandré, o desaparecido

– Vandré, fale-me de você.

Geraldo Vandré – Primeiro, fale-me de você.

Ângelo – Ih, rapaz. Vamos lá. Sou parai-bano de João Pessoa, como você. Repórter, é claro. Chamo-me Francisco de Assis Ângelo. Estou aqui há coisa de dois anos. Chega?

Geraldo Vandré – Não. Como veio parar nestas bandas?

Ângelo – A história é curta. Em João Pessoa eu trabalhava os três expedientes em dois jornais diários e numa emissora de rádio.

Geraldo Vandré – Qual rádio?

Ângelo – Rádio Correio da Paraíba.

Geraldo Vandré – Emissora nova?

Ângelo – Mais ou menos. Mais nova que eu e mais velha que você.

Geraldo Vandré (sorrindo) – Continue.

Ângelo – Pois bem, era uma correria dos diabos. Como não sou de ferro, caí de cama, estafado e com doença no peito.

Fiquei internado um tempão e por pouco não me acabei de vez. Um dia, finalmente, recebi alta do hospital. Zico, um amigo meu, convidou-me a vir a São Paulo. E aqui estou.

Geraldo Vandré – Não houve problema?

Ângelo – Houve. Cheguei aqui ainda meio lá, meio cá. E a danada da poluição me derrubou. Lá fui eu pra Campos do Jordão.

Geraldo Vandré – Engraçado. Quando eu cheguei aqui, a poluição que o povo chama hoje, chamava-se garoa. Agora, a garoa... como é a garoa? Esta é uma boa pergunta, não é?

Ângelo – A garoa não é coisa muito boa.

Geraldo Vandré – Para a saúde não deve ser muito boa. Você tem razão, mas o que é garoa?

Ângelo – Garoa é uma chuva fina, ao que parece constituída de gotículas.

Geraldo Vandré – Peraí, peraí! Há o problema de linguagem. Antigamente, a

gente falava uma coisa. Hoje, fala outra. Então: o que é poluição? Até hoje não entendi o que é poluição. Quando você fala “poluição”, eu não entendo.

Ângelo – Bom, poluição...

Geraldo Vandré – É saturação, é isso?

Ângelo – Acho que é mais do que isso. Poluição do ar, por exemplo, provém, geralmente, das grandes fábricas.

Geraldo Vandré – Quer dizer então que onde há fábrica, há poluição?

Ângelo – Onde há fábrica, há poluição.

Geraldo Vandré – Então, nós somos uns poluidores?

Ângelo – Quê que você acha?

Geraldo Vandré (pausa, pensativo) – Então a gente poderia trocar as fábricas que a gente fez. A gente poderia trocar tudo isso por... Por quê a gente poderia trocar as fábricas?

Ângelo – Aí é que está o xis do problema.

Geraldo Vandré – A gente poderia

se tornar numa espécie de agente não poluidor, não poderia?

Ângelo – Seria uma boa.

Geraldo Vandré (animado com a possibilidade) – Mas como é que a gente faz isso, você sabe? (longuíssima pausa).

Ângelo – Vandré, esta entrevista, este nosso “papo” é pro Folhetim. Fale, agora, de você. Eu já falei de mim (pausa, cofiando a cabeleira despenteada). Você nasceu quando?

Geraldo Vandré (num repente) – Em 1960.

Folhetim – Em que lugar?

Geraldo Vandré (irônico) – São Paulo (pausa).

Folhetim – Você quer fumar?

Geraldo Vandré – Já-já (levantando-se depressa), vou lá dentro preparar um cafezinho.

Folhetim (volta cinco minutos depois. Silêncio) – A Philips acaba de relançar um LP seu, está sabendo?



Geraldo Vandré – Não sei. Na verdade não sei. Enquanto eu não tiver tempo para tomar conhecimento (*interrompe a frase. Olha nos olhos do repórter, e diz a bom som:*) Mas uma coisa, é certa: todo mundo pretende tomar conhecimento!

Folhetim – Quer dizer, então, que enquanto você não tiver tempo de tomar conhecimento do lançamento do disco não vai ligar coisa nenhuma? (longa pausa. Ele reclina, à vontade, a cabeça sobre a cadeira. Dá uma profunda tragada no cigarro e fica calado, de olhos fechados como se estivesse sonhando). *Pô, Vandré, você se mostra como um cara machucado. É isso?*

Geraldo Vandré – Não sei o que é isso.

Folhetim – Você se encontra em São Paulo, Capital, há quanto tempo?

Geraldo Vandré – Desde que nasci (nova pausa). Não sei bem se desde 1960 ou 1959. Não tenho certidão de idade (ri).

Folhetim – Teus pais, qual o nome que te deram na pia batismal?

Geraldo Vandré – De quem você está falando? Do Geraldo Vandré?

Folhetim – Lógico, do Geraldo Vandré.

Geraldo Vandré (silêncio. Ele parece divagar) – Geraldo Vandré... Eu sou o pai de Geraldo Vandré! (silêncio. Sorri enviesado, com certo amargor e irônico)

dade, entende agora? Ou viver em função da Sociedade ou viver em relação com a Sociedade. Então, pra viver numa relação com a Sociedade, pra que se considere isso de viver, é preciso definir o que é que você gosta de fazer. O que é que você faz, e o que é que Ela faz pra você (sorri). Fui claro?

Folhetim – É tão difícil assim conviver com a Sociedade?

Ele – Olha, existe uma coisa muito simples nisso tudo. Muito simples, mas difícil de entender. O problema é que você está falando com Geraldo Vandré. Ou melhor, você está querendo falar com Geraldo Vandré. Mas você não está falando com Geraldo Vandré. Você está falando com a pessoa que inventou Geraldo Vandré, entende? Eu me chamo Geraldo Pedrosa de Araújo Dias.

Folhetim – Então, Geraldo Vandré é mesmo uma invenção de Pedrosa?

Pedrosa – É. Geraldo Vandré é propriedade minha.

Folhetim – O que você acha do Vandré?

Pedrosa – Ainda não tive tempo para pensar nisso. Tudo que sei é que ele está um pouco abandonado.

Folhetim – Você não teria, hoje, condições de reavivá-lo?

Folhetim – Então, tá. A pessoa com quem neste momento estou conversando, como se define?

Ele – Como o pai de Geraldo Vandré.

Folhetim – E como pai de Geraldo Vandré, como se sente?

Ele – Não como o pai da Pátria.

Folhetim – Claro, és uma pessoa, um ser humano...

Ele – Olha, você falou do “momento”, não foi? O momento é este aqui! O que você acha disso?

Folhetim – A vida é o momento. Mas todos nós pensamos em construir algo que fique. Talvez seja ingenuidade minha, mas...

Ele – Não! Não é ingenuidade. Isso é muito natural para quem gosta da Vida. Quem gosta da Vida espera fazer algo que fique, que se eternize.

Folhetim – E você não gosta da Vida?

Ele (pausa. Apanha o maço de cigarros e o espreme com delicadeza) – Acho muito engraçado quando acontece isto (sorri). Quantas vezes isto já aconteceu com você, hein?

Folhetim – Algumas vezes. Tem hora que as coisas se embaralham.

Ele (semblante pesaroso, pensativo, sorriso ainda nos lábios) – O empacotador é quem tem que falar com a gente, né?

Pedrosa – Não. Prefiro ele abandonado mesmo.

Folhetim – Deseja, então, matá-lo?

Pedrosa – É melhor ele abandonado que mal cuidado.

Folhetim – Prefere mesmo deixá-lo morto?

Pedrosa – Olha, ele não tem esse problema de vida e de morte (num repente). Ele é marca!

Folhetim – O Geraldo Vandré que...

Pedrosa – Ele é marca! Ele virou marca! Virou chancela! Virou nome! Virou produto de consumo! (pausa). Mas ele foi feito pra isso mesmo (conformado).

Folhetim – O Geraldo Vandré de dez anos atrás, como você o vê agora?

Pedrosa – Não o vejo. Não tenho tempo de cuidar dele agora. Sou advogado. Estou cuidando de outras coisas, que são mais necessárias, pra mim e para a Sociedade (divagando). Coisas mais importantes que Geraldo Vandré.

Folhetim – Pretende algum dia reanimá-lo?

Pedrosa – Talvez. Não sei. Primeiro tenho que concluir o que estou fazendo. Vou pensar, se tiver tempo.

Folhetim – O que o advogado Geraldo Pedrosa de Araújo Dias está fazendo?

Folhetim – Não ouvi a resposta. O pai do Vandré gosta ou não de viver?

Ele (pausa) – É difícil fazer jornalismo, não é?

Folhetim – Não tanto. Talvez mais difícil seja viver.

Ele (animado) – Não! Não estou de acordo com você. Eu acho que difícil não é viver. Eu acho que difícil é fazer jornalismo num tempo que (pausa), em que a profissionalização é a tônica da Sociedade.

Folhetim – Então, pra você, viver é fácil?

Ele – É. Difícil é conversar com uma sociedade que precisa se profissionalizar e não sabe como. E que nesses tempos ou nessas medidas, perdeu o fio da história. Isto, sim, é difícil. Viver em si com a sociedade que se profissionalizou e perdeu a capacidade de fazer as coisas mais simples, é triste e difícil.

Folhetim – Viver, no sentido lato da palavra, o que é para você?

Ele – É fazer as coisas que estou fazendo.

Folhetim – Que coisas você está fazendo?

Ele – Entende o que estou querendo dizer? Eu vivo pra mim. Não adianta eu falar pra você o que é “viver pra mim”. Porque “viver pra mim”, é só pra mim. Não adianta eu falar pra você o que é viver em Socie-

Pedrosa – Estou terminando uma petição para dar entrada no Tribunal Federal de Recursos. É sobre um mandado de segurança.

Folhetim – Você teria alguma crítica ou observação a fazer sobre o Vandré, aquele cara que os estudantes e o povo, os jovens idolatraram e aplaudiram?

Pedrosa (divagando) – O povo... é melhor fazer esta pergunta ao povo.

Carlos, 26 anos, escriturário, “pinguço” nas horas vagas: “Ah, esse cara eu “curti” muito. Mas, agora, parece que levou sumiço, né?”

João Vasconcelos, 24 anos, estudante: “Até hoje eu lembro das coisas bonitas que ele compôs. Pra não dizer que não falei de flores é uma beleza. O que é que foi feito do Vandré, que nunca mais apareceu?”

Celso Sávio, 29 anos, jornalista: “Vandré é um grande cara. Ele é um arretado, tanto como compositor como intérprete. Vandré é superior até a Chico Buarque”.

Bastidores

Por Assis Ângelo

O primeiro encontro entre mim e o poeta, cantor e compositor paraibano Geraldo Vandré, de batismo Geraldo Pedrosa de Araújo Dias, ocorreu no começo de uma noite de agosto de 1978, no apartamento onde mora, em São Paulo. Bati à porta dizendo quem era e de onde vinha. Foi afável, receptível. Convidou-me a entrar e começamos a prostrar sobre assuntos diversos, de música à política. Gostei. Voltei na noite seguinte e na noite seguinte, agora com o fotógrafo Adalberto Marques. Cliques e cliques. Resumi tudo e publiquei no Folhetim, extinto suplemento dominical da Folha, edição de 17 de setembro daquele ano. Sucesso enorme. Centenas de cartas e telegramas à redação. Antes de o jornal ir às bancas, voltei a procurá-lo. E com a maior calma do mundo, ele propôs: “Ângelo, vamos deixar a entrevista pra publicar depois?”

Eu: “Não dá mais, acaba de ser impressa e chega amanhã às bancas. Você é capa. Veja!” Ele pegou o jornal e correu os olhos em silêncio. Depois suspirou e disse: “Vou ler”.

Quando a entrevista foi para as bancas, uma surpresa: em muitas delas os leitores pagavam e deixavam o jornal, levando apenas o Folhetim.



Ana Maria, 23 anos, secretária: "Se lembro do Vandré? Lógico que me lembro. *Disparada* é dele, não é?"

Hélio Gomyde, da Gravadora Continental: "Ele é um grande artista, pena que não está gravando. Que fim levou o Vandré?"

Afanásio Jazadji, 27 anos, jornalista, advogado: "Ele merece todo o meu respeito, e o respeito do povo em geral. Geraldo Vandré marcou uma época. A sua obra é imortal. Fiquei triste quando eu soube que ele havia deixado o País, forçado pelas circunstâncias. Ele emocionou multidões, porque, simplesmente, cantava e tocava o que o povo queria ouvir. Vandré era um idealista, que cantava com a voz do coração. E, talvez por ser tão sincero num País de exceção, se "ferrou". Porém, a verdade é que um País não pode ser dirigido por uma minoria. Música revolucionária? A arte em si é revolucionária, e se assim não fosse não seria Arte".

Jovelino Pereira, o "Britão", 36 anos, policial militar: "Eu o conheci através da televisão. Sei que é um grande compositor. Não sei o que eu poderia dizer mais sobre esse cara. Faz muito tempo que não ouço falar dele".

Folhetim – Uma abstração?

Pedrosa – Não. Uma expressão do materialismo histórico no Brasil.

Folhetim – Você, como pai, conheceu muito bem o Vandré. Isso é indiscutível. Pois então falemos um pouco sobre ele. Como ele nasceu, e por quê?

Pedrosa (foge do assunto e pede para ouvir a fita) – Ouvindo o que tem aí gravado, a gente terá uma ideia.

Folhetim (depois de ouvirmos a grava-



1964

Eduardo Couto, 17 anos, office-boy: "Lembro daquela música que acabou com a carreira dele: *Pra não dizer que não falei de flores*. Vandré era um cara fora de série. Eu o admirava paca. Mas, como diz o ditado: o que é bom dura pouco. Claro que eu gostaria de ouvi-lo outra vez. E quem não gostaria?"

Jair Malavazi, 36 anos, fotógrafo: "Vandré? Vandré foi um compositor como poucos conseguiram ser. Somente *Disparada* vale como um marco na história da música popular brasileira. E ponto final".

José Antônio, 19 anos, gari da Prefeitura: "Geraldo Vandré? Acho que já ouvi qualquer coisa a respeito".

Folhetim – Pedrosa, fale sobre Arte.

Pedrosa – Não se esqueça: os fins justificam os meios, a despeito de Maquiavel (*pausa*). Interessante, isso: Maquiavel chegou como estadista, né? Eu conheço muito pouco sobre Maquiavel. Mas quando eu digo "a despeito de Maquiavel", eu lembro até onde chegou Maquiavel (*nova pausa*). Aquela história de "os fins justificam os

meios" – Bom, cara, falemos agora sobre a tua criação.

Pedrosa (*longuíssima pausa, reflexivo. Como se fosse pular da cadeira*) – Estou cansado de sucesso! Geraldo Vandré cansou de sucesso! Ele não quer mais fazer sucesso! Não quer.

Folhetim – Mas será que ele não se sente muito só?

Pedrosa – Se sente, sim. Mas ele e eu



1965

gostamos de fazer silêncio, de ficar sós. Não quero perturbação.

Folhetim – Você está só?

Pedrosa (*pausa*) – É bom ser só.

Folhetim – Você é solteiro?

Pedrosa – Sou desquitado.

Folhetim – Desquitado?

Pedrosa – É. Sou solteiro (*ri com ironia*).

Folhetim – O que fez Vandré de importante na vida?

Pedrosa – Teria. Ele era a expressão do materialismo histórico no Brasil.

Folhetim – Quem afirma isto é o Pedrosa?

Pedrosa – É.

Folhetim – O Vandré, então, teria puxado ao pai?

Pedrosa – Teria. Ele era a expressão do materialismo histórico no Brasil.

Folhetim – Você está só?

Pedrosa (*pausa*) – É bom ser só.

Folhetim – Você é solteiro?

Pedrosa – Sou desquitado.

Folhetim – Desquitado?

Pedrosa – É. Sou solteiro (*ri com ironia*).

Folhetim – O que fez Vandré de importante na vida?

Pedrosa (*pausa, longa pausa*) – Sabe, ainda não pensei a respeito, e não cheguei a conclusão nenhuma. Mas acho que ele não fez nada de importante (*esconde o rosto com as mãos e sorri*).

Folhetim – Você não está enganado? Temos a impressão que ele compôs muita coisa bonita e reflexiva. Coisas que custarão a serem esquecidas.

Pedrosa (*pensativo*) – Você acha? Eu não acho. O problema (*pausa*) é que você quer falar com Geraldo Vandré. E ele não está aqui. Quem sabe, não seria melhor conversarmos noutra hora, hein?

Folhetim – Muito bem. Conversaremos noutra hora.

Pedrosa (*longa pausa*) – Você... Você tem um problema. E ele também tem.

Folhetim – Qual?

Pedrosa – E ele também tem. A gente poderia ouvir o que foi gravado?

Folhetim – (após ouvirmos outra vez a fita. Ele mostra satisfação. *Pausa*). O Pedrosa tem composto alguma coisa pra Vandré?

Pedrosa – Pra mim não tem música.



1966

Folhetim – E para o Vandré?

Pedrosa – Já parei o carro. Porque se não tiver retorno... entende?

Folhetim – Como assim?

Pedrosa – Assim mesmo. Eu também estou trabalhando, se você quer saber disso, embora não viva disso.

Folhetim – De que você está vivendo?

Pedrosa – Estou vivendo. Não se esqueça disso não.

Folhetim (*pausa*) – Quando e por que você, Geraldo Vandré, saiu do Brasil?

Pedrosa (*estica-se na cadeira, passa as mãos pelos longos cabelos, já prateados. Fecha os olhos. Parece em transe. De repente, volta à realidade*) – Não entendi a pergunta.

Folhetim – Quando e por que você saiu do Brasil?

Pedrosa – De que Brasil você está falando?

Folhetim – Não acha que o nosso "papo" está muito metafórico e surrealista? Estamos no Brasil de 64.

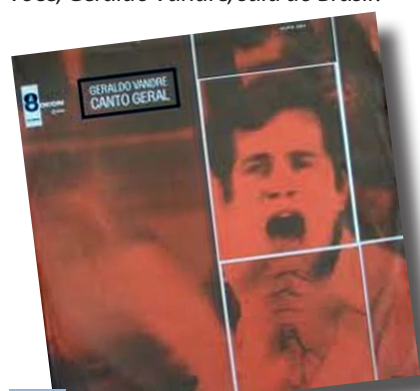
Pedrosa – Aí já é crítica de arte.

Folhetim – Mas...

Pedrosa – Não. Não adianta. Eu sei um pouquinho dessa história. Vá por mim. Vá por mim, e tudo bem, certo? (*levanta-se. Vai à máquina e escreve alguma coisa. Peço que leia em voz alta*). Olha, num dá pra gravar. Dá pra gravar nos Estados Unidos. Lá, dá Watergate. Na América Latina não dá para gravar.

Folhetim – De que história você está falando?

Pedrosa – Da história. Pronto, acabou o expediente. Boa noite.



1966

Ao sairmos do apartamento, Adalberto, o fotógrafo, perguntou-me: Será que o Vandré está mesmo “xarope”? Fiquei calado, e fiz a mesma pergunta ao zelador do prédio. João, um pernambucano.

– Olha, de uns três meses pra cá ele tá melhor. Parece recuperado. Dizem que ele sofreu muito...

– Fale mais sobre o Vandré.

– O Geraldo Vandré é um cara maravilhoso. Muito inteligente. Pena que fizeram aquilo com ele.

– O que?

– Sei lá! Mas eu gostaria de ouvir o Geraldo Vandré cantar outra vez. Ele é um cara fantástico.

compôs a trilha sonora do filme *A hora e a vez de Augusto Matraga*.

Deixou o Brasil em 1968, e foi morar no Chile. Nesse mesmo ano seria agraciado com uma Medalha de Ouro, conquistada num festival de música popular na Bulgária. Em 1972, foi colocado em 1º lugar no *Festival da Canção Latino-Americana*, com a música *Pátria amada idolatrada, salve, salve*.



1973

Geraldo Pedrosa de Araújo Dias nasceu em João Pessoa, Paraíba, a 12 de setembro de 1935. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1951, junto com toda a família. Foi aluno interno do colégio Granbery, em Juiz de Fora, entre 1951/52. Formou-se em Advocacia nove anos depois, pela Universidade do Distrito Federal. Em seguida transferiu-se para São Paulo, e logo ingressou na vida artística. A sua primeira composição chamou-se *Quem quiser encontrar o amor*, musicada por Carlos Lyra. Ainda com Lyra compôs *Aruanda*, e com Baden Powell *Samba de mudar*, *Rosa flor*, *Se a tristeza chegar* e *Amor, fim de tristeza*. Começava a escalada ao sucesso.

Geraldo Vandré participou do primeiro show de bossa-nova, que se realizou em

Um ano depois de sair do Brasil, o polêmico artista foi expulso do Chile porque estava com “passaporte irregular”. E lá foi Vandré correr mundo. Parou na França, até que o expulsassem por “porte de tóxicos”, em março de 1971. Na ocasião, a Folha da Tarde, de São Paulo, publicou notícia de 1ª página dizendo: “O cantor e compositor Geraldo Vandré, o padre Egidio João Go-



Quarteto Novo

que têm medo do termo, revolucionário é tudo aquilo que acrescenta algo de novo à vida, em qualquer estrutura, em qualquer sociedade, em qualquer tempo. Para os que pretendem, agora, me colocar como um profissional da canção. É o que sei fazer melhor (...) sou um homem pacífico, porque acredito na Paz, da mesma forma que acredito no Amor como objeto fundamental da vida.

Em entrevista ao repórter Lourenço Diáféria, Geraldo Vandré diria em outubro de 1968, numa edição do Correio da Manhã, que “arte é a expressão da vida, e a gente deve jogar nela todas as nossas tradições”.

Noutro jornal, afirmava ele que fazia arte porque “sou burguês, e porque arte é privilégio da burguesia. Com respeito à música, acho que estou fazendo o que sempre fiz: uma canção que pretende in-

formar e opinar sobre a realidade em que vivo, na medida das minhas possibilidades e das soluções dos meus conflitos como elemento da classe dominante, fazendo uma canção que sirva à maioria, que não é a da minha classe. Só se faz arte quando se atinge a expressão de uma consciência coletiva em termos de maioria. Isso cria um conflito para todo artista, em todos os tipos de sociedade, porque nenhum tipo de sociedade obteve sua maioria”.

O cavaleiro

*Bem no fundo do coração
Guardo a tempos um cavaleiro
Que inda vou mandar pro Norte
Vestido de boiadeiro*

São Paulo, com Oscar Castro Neves, Alaíde Costa, Norma Bengel, Carlos Lyra, Juca Chaves, Elza Soares. Com Ana Lúcia gravou *Samba em prelúdio*. Depois, sozinho, compôs e gravou: *Fica mal com Deus* e *Canção nordestina*, que marcou a “inauguração” da fase “nordestina” da música moderna brasileira. Vandré foi o primeiro artista a gravar Chico Buarque de Hollanda.

Num só ano, 1966, Geraldo Vandré conquistou dois primeiros lugares nos festivais da Excelsior e da Record e mais um 2º lugar no 1º *Festival Internacional da Canção*, com a música *Cavaleiro*. Naquele ano fizeram sucesso *Porta estandarte* (letra dele e música de Fernando Lona) e *Disparada* (parceria com Théó). Vandré foi pioneiro no uso da viola na moderna música brasileira, quando

mes e mais quatro brasileiros foram detidos na fronteira da França com a Bélgica, com 650 gramas de haxixe (tipo maconha)... As reações, no Brasil, são violentas contra o crime desse grupo de maus brasileiros”.

Discutido por um, festejado por outro. A verdade, porém, é única: ele marcou. Vandré foi um marco na cena brasileira. Comparado. Até a Mao Tsé-tung ele foi comparado em 1968 pelo então secretário da Segurança Pública do Rio de Janeiro, general Luís de França Oliveira, que não gostou da composição *Pra não dizer que não falei de flores*, vetada pela Censura Federal. O autor se explicava:

– Todas as minhas canções são de amor. De amor particular por uma mulher, ou de amor geral por todo um povo. Além do mais, não sou profissional de política, tampouco sirvo para bandeira. Sou gente como todo mundo (...). A expressão artista revolucionário é pleonástica. Um artista só pode ser considerado artista quando a sua arte é revolucionária. Para as pessoas

*Caatinga é o seu lugar
Sua andança pra voltar
Esperança suas armas
Injustiças pra guerrear
Mas meu cavaleiro
Não vai se descuidar
Quem sai de uma seca brava
No mar pode se afogar
E há um mundo inteiro
Que se espera ouvir falar
De um bravo cavaleiro
Que bem soube se guardar*

*Para um dia lá no Sertão
E no mar e em teu coração
Sertanejo ou jangadeiro
Trazer paz ao Norte inteiro*

Obs: O cavaleiro perdeu para *Saveiros*, de Dori Caymmi (1º lugar) no *Festival Internacional da Canção*.

Vandré em vídeos

– Entrevista a Geneton Moraes Neto, no *Dossiê GloboNews*, no dia em que completou 75 anos (12/9/2010); o programa foi ao ar em 21/9/2010: <http://migre.me/9fi2E>

– Edu Lobo e Marília Medilha cantam *Porta-estandarte* (Fernando Lona e Geraldo Vandré) no *Fantástico* (TV Globo), em 1978: <http://migre.me/9g8Rz>

– Geraldo Vandré canta *Aroeira* (arquivo Record – 1967): <http://migre.me/9g97A>

– Jair Rodrigues canta *Disparada*, de Geraldo Vandré, favorita do público e vencedora do *II Festival de Música Popular Brasileira* da TV Record, em 1966, dividindo o prêmio com *A Banda*, de Chico Buarque: <http://migre.me/9g9Hp>

– Depoimento de Hermeto Pascoal sobre a formação do Quarteto Novo e trecho de vídeo da TV Record em que Geraldo Vandré canta *Marinheiro*, acompanhado do quarteto e do Trio Marayá: <http://migre.me/9galb>

– Sergio Endrigo canta *Camminando e cantando* (1968), versão em italiano de *Pra não dizer que não falei de flores*: <http://migre.me/9gaGH>

– O filme sobre Vandré *O que sou nunca escondi*, de Alexandre Napoli, Helena Wolfenson e William Biagioli, foi selecionado para exibição na 4ª edição festival internacional de documentários musicais *In-Edit Brasil*. A sessão está marcada para esta 3ª.feira (5/6), às 17h30, no Cine Olido, centro de São Paulo (av. São João, 473).